

ENTRE CARTOGRAFIA E ETNOGRAFIA: POSSIBILIDADES DE UMA PESQUISA...

Bruna Moraes Battistelli
Lílian Rodrigues da Cruz

RESUMO

Este trabalho parte da contextualização da metodologia de pesquisa do projeto de Mestrado intitulado “Acolhimento, cuidado e micropolítica: constituindo práticas de cuidado” para problematizar a utilização da cartografia e/ou da etnografia e as proximidades entre as duas perspectivas metodológicas. O acolhimento institucional é medida de proteção prevista no Estatuto da Criança e do Adolescente e executada pela Política Nacional de Assistência Social, surge enquanto possibilidade de cuidado alternativo para crianças e adolescentes que não podem estar com suas famílias. Medida essa que deve ter caráter provisório e ser excepcional e ser aplicada em casos de negligência, violência e/ou ruptura de vínculos. Assim, faz-se necessário pesquisar como se constituem as práticas de cuidado em tal cenário. Trata-se de um trabalho que visa pesquisar não só com trabalhadores, mas também com crianças e adolescentes que vivem a medida de proteção, assim o cuidado com a metodologia se faz importante. A busca por uma perspectiva metodológica implicada com o outro e com a produção de outras possibilidades de vida. Este estudo se constitui em forma de ensaio teórico e apresenta cada metodologia trazendo semelhanças e peculiaridades, com a escolha de autores próprios a cada uma. O referencial escolhido baseia-se principalmente em autores brasileiros, valorizando a produção nacional quanto à temática das metodologias em pesquisa. A problematização quanto ao campo da cartografia deu-se a partir de autores que influenciados pela perspectiva da Filosofia da Diferença, principalmente em relação as obras de Deleuze e Guattari. Quanto à etnografia, utilizou-se a produção de Claudia Fonseca, importante pesquisadora na área da infância na antropologia. Por fim, elucida-se a motivação pela escolha da cartografia, a proximidade da mesma com a etnografia e aponta-se uma forma de conceber a ferramenta denominada observação em pesquisas em Psicologia. Conclui-se pela escolha de uma cartografia com inspiração etnográfica, aproveitando o que as duas perspectivas oferecem de potência para a pesquisa em Psicologia no campo das políticas públicas para infância e adolescência. Assim, a construção do caminho metodológico se dá a partir do percurso de pesquisa que vai sendo produzido, através das questões que o pesquisador vai se permitindo explorar, não podendo se pensar metodologia e problema de pesquisa em separado, pois são indissociáveis. Neste processo, a escolha pela cartografia implica na (re)invenção de ferramentas, como a observação.

Palavras-chave: Metodologia. Pesquisa. Etnografia. Cartografia.

INTRODUÇÃO

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e o Sistema Único de Assistência Social (SUAS) são conquistas significativas para o processo de constituição de práticas de cuidado com crianças e adolescentes. Com a Doutrina da Proteção Integral o Acolhimento Institucional enquanto medida de proteção passa a ser ofertado enquanto um serviço da Alta Complexidade do SUAS, que só deve ser acionado quando houver violação de direitos e ruptura de vínculos. Esta medida deve ser provisória e tem caráter excepcional. A institucionalização deve ser a última estratégia de cuidado alternativo para crianças e

adolescentes, embora estudos apontem. (CRUZ, 2006; NASCIMENTO, CUNHA e VICENTE, 2008) que a mesma, muitas vezes, é a primeira opção dos operadores do Direito e rede de serviços que compõe o Sistema de Garantia de Direitos.

Para pensar as práticas de cuidado, recorreremos a vários autores, a maioria com experiência na área das políticas de saúde. Macedo e Dimenstein (2009) problematizam como os modos de cuidar se estabelecem na relação entre as políticas de saúde e assistência social e como o psicólogo consegue pensar e estabelecer modos de cuidar mais éticos. Franco e Merhy (2012) afirmam que o cuidado é uma tecnologia relacional, trabalho vivo colocado em ato, sempre uma relação entre trabalhador e usuário. Cuidado como aquilo que se produz na relação. (FRANCO; MERHY, 2012). Pinheiro (2008) afirma as práticas de cuidado enquanto aquilo que pode se produzir a partir das relações que se constituem no cotidiano, relacionando seu modo de pensar o cuidado com a origem etimológica da palavra, associando assim, cuidado e pensamento/reflexão. Bernardes (2012) problematiza as práticas de cuidado em saúde enquanto tecnologias de governo, bem como estabelece a relação entre práticas de cuidado e vínculo. (BERNARDES; PELLICIONI; MARQUES, 2013). Articulação importante para o projeto de pesquisa, pois uma das questões que surge é: como pedir para um trabalhador, para que ele cuide de crianças e adolescentes, mas que não se vincule aos mesmos? É possível cuidado sem vínculo? Nas políticas de Assistência, uma pista do como o cuidado é pensado surge em um anexo das Orientações Técnicas de Acolhimento (2009, p.107): "Ações praticadas por agente institucional capacitado a orientar e desenvolver atos de zelo pessoal a favor de alguém com contingências pessoais". Como se houvesse um prestador oficial e adequado de cuidados para uma criança, suposta universal.

A aposta, enquanto pesquisa, é em uma perspectiva ética de cuidado enquanto produção, na relação entre sujeitos, possibilitando novos modos de ser criança/adolescente. A criança e/ou adolescente enquanto sujeito ativo deste processo, e não como mero receptor das ações alheias. O interesse de pesquisa é pelo que se constitui no campo das práticas cotidianas. O que se produz nas fronteiras entre cuidado e proteção (integral) quando falamos de crianças e adolescentes que estão em medida de Acolhimento Institucional? Em um jogo de perguntar, em um exercício de composição, o problema de pesquisa conforma: como se constituem as práticas de cuidados para crianças e adolescentes usuárias dos serviços de Acolhimento Institucional de Porto Alegre?

Essa breve introdução teve como objetivo apresentar o tema e a questão central do projeto de pesquisa intitulado "Acolhimento, cuidado e micropolítica: constituindo práticas de cuidado", de autoria da primeira autora, e orientação da segunda autora. Neste trabalho objetivamos discutir as possibilidades metodológicas para desenvolver a referida

pesquisa. Que nome é possível para este processo que se desenha? Seria uma etnografia do cotidiano? É possível fazer uma cartografia do cuidado? Ou sobre Acolhimento Institucional? Em um exercício de construir um processo de pesquisa, o desafio é criar ferramentas possíveis que deem abertura para novas formas de existência e que permitam que a vida encontre vazão. (ROLNIK, 2007). Assim, seguimos na perspectiva de um ensaio teórico problematizando as aproximações possíveis entre cartografia e etnografia em pesquisas na área da Psicologia Social.

Metodologia

A metodologia enquanto construção/invenção de ferramentas que permitam acompanhar os modos de existência presentes no abrigo. A invenção como "uma prática de tateio, de experimentação e de conexão entre fragmentos, sem que este trabalho vise recompor uma unidade original, como num *puzzle*" (KASTRUP, 2012, p.141). A autora afirma que não é um processo cognitivo entre outros, mas um modo de se colocar o problema da cognição, não sendo apenas um processo de solução de problemas, mas, sobretudo de invenção de problemas. Assim, "existem condições históricas que concorrem para que a invenção ocorra" (p. 142).

O pesquisador In-mundo abre-se para diferentes possibilidades de relação com o objeto de pesquisa, assim como na constituição de diferentes formas de como se aprende e se conhece. (ABRAHÃO *et al.*, 2014). Pesquisar in-mundo pressupõe o processo e análise de implicação do pesquisador quanto ao caminho que o levou a tal objeto de pesquisa. Não há outra forma de pensar que não seja a partir do pressuposto de que o sujeito pesquisador se constitui no mundo juntamente com seu objeto de pesquisa. De acordo com Lourau (2004) a implicação é a produção de questionamentos sobre a própria prática do pesquisador quanto ao processo de construção de conhecimento.

Seguindo este caminho, Abrahão *et. al* (2014) afirmam que "a produção do conhecimento se processa como ativadora e produtora de intervenção na vida e acontece esta mistura, neste tingimento do pesquisador com o campo" (p.157). Assim, a produção de vida, conhecimento e cuidado são partes de um mesmo processo. Hillesheim, Bernardes e Medeiros (2009) situam a pesquisa em uma ordem da criação, como uma obra de arte. Uma pesquisa-encontro (HILLENSEIM, CRUZ, SOMAVILLA, 2008), que, conforme as autoras é uma aposta nas possibilidades de composição com o outro, na potência de invenção, em novas formas de ver, sentir, entender. Assim, busca-se uma pesquisa que possa olhar o que se pode constituir ou não enquanto cuidado em relação a crianças e adolescentes que estão sob medida de proteção em Acolhimento Institucional.

Pesquisar, então, constitui-se em um "exercício de desaprendizagem do já sabido, em um exercício de desinstitucionalização do prescrito" (ABRAHÃO *et. al*, 2014, p.157).

Parte do processo de pesquisa compõe-se assim, da problematização e invenção de si e do mundo. O sujeito-pesquisante não é neutro, e neste processo de se colocar in-mundo, contamina-se ao dar passagens para múltiplos processos de subjetivações e de fabricações de mundo (ABRAHÃO *et. al*, 2014). O pesquisador é parte integrante do que quer conhecer. "Um processo de investigação é sempre interessado, parte da construção de certas inquietações que levam a problematizações" (BERTUSSI; BADUY; FEUERWERKER; MERHY, 2011, p. 309).

Etnografia: um modo de se colocar a andar...

Na introdução do livro *Família, fofoca e Honra* (2000) Claudia Fonseca afirma que por trás das narrativas do livro, há "uma fé na pesquisa de campo- longas horas, aparentemente 'jogando tempo fora', na observação de cidadãos comuns em suas rotinas mais banais" (p.7). Para a autora, o trabalho do antropólogo apresenta uma preocupação importante, que é a de construir modelos alternativos de vida social que fogem da lógica prevista" (p.7). Em outro texto intitulado "Quando cada caso não é um caso (1999), a autora relata "que compartilha do entusiasmo pelo 'método etnográfico', afirmando que este é um instrumento importante para a compreensão intelectual de nosso mundo, assim como pode ter uma utilidade prática.

Fonseca (1999) relata que na pesquisa de campo, enquanto pesquisadores, queremos ante de tudo entender como se constitui o processo comunicativo entre os sujeitos. A autora aponta que a etnografia não é tão aberta como parece, pois faz parte das ciências sociais e exige o enquadramento social (político, histórico) do comportamento humano.

"Ao cruzar dados, comparar diferentes tipos de discurso, confrontar falas de diferentes sujeitos sobre a mesma realidade, constrói-se a tessitura da vida social em que todo valor, emoção ou atitude está inscrita" (FONSECA, 1999, p.10). Pensando nas implicações do estar com o outro na pesquisa etnográfica, a autora afirma que o recomendado é quando o objeto de estudo não é mais 'informante', submetido às regras da entrevista, por exemplo, mas sim sujeito dominando seu espaço. Nesta situação, o observador é intruso mais ou menos tolerado no grupo, não nutrido a ilusão de estar no controle da situação.

Na produção de dados etnográfica, estes não falam por si mesmos, ou seja, são moldados pelo pesquisador a temas pertinentes ao campo acadêmico. (FONSECA, 1999). A referida autora aponta que a partir dos fragmentos do diário de campo, são construídas narrativas que dão lugar a enredos e encenações montados para dialogar com ideias existentes (no senso comum e na vida acadêmica).

Para o etnógrafo, uma preocupação deve permear o trabalho: captar algo da experiência das pessoas. (FONSECA, 2000, p. 10). Citando Geertz (1989), Fonseca afirma que "apostando na observação das práticas sociais, a abordagem do etnógrafo apoia-se menos na linguagem normativa dos ritos do que na lógica informal da vida cotidiana inscrita no fluxo de comportamentos" (p.10). De acordo com a autora, o exercício de pesquisa deve ser permeado pela reflexão quanto às fragilidades do método escolhido, tendo como meta o entendimento de que o que importa é pensar a alteridade na sociedade de classes. Fonseca (1999) afirma que a etnografia foi fundada na busca por alteridades, por outras maneiras de ver, ser e estar no mundo. O convite que o etnógrafo recebe é o de experimentar outros mundos, atravessar meio mundo (mesmo que mais metaforicamente do que literalmente). A etnografia é um guia de viagem possibilitada a partir da imersão em determinado meio. A abertura da antropologia para a possibilidade de outras lógicas, de outras dinâmicas culturais, serve como dispositivo de resistência contra a massificação. (FONSECA, 1999).

É esperado nas discussões sobre o método etnográfico, dar ênfase à experiência no campo, discorre-se sobre a relação pesquisador-pesquisado, sublinhando-se a importância do diário de campo. (FONSECA, 1999). No mesmo texto a autora, relata que para viabilizar a passagem entre a experiência de campo e as interpretações analíticas, há a necessidade de desdobrar cinco etapas: "estranhamento de algum acontecimento no campo, esquematização dos dados empíricos, desconstrução dos estereótipos preconcebidos, comparação com exemplos análogos tirados da literatura antropológica, e sistematização do material em modelos alternativos" (FONSECA, 1999, p.15). Quanto à produção de dados e consequente análise dos mesmos, a autora afirma que os dados não falam por si só, dependendo das lentes que são utilizadas para examiná-los, o mesmo material pode produzir leituras opostas. De acordo com Fonseca, tudo depende das perguntas que orientam nosso olhar. Ao final do texto, a autora aponta que muito provavelmente, o pesquisador não poderá cumprir com o método etnográfico como manda o figurino, entretanto poderá tomar de emprestado alguns elementos do mesmo para chegar a novas maneiras de compreender seu problema de pesquisa e interagir de forma criativa com eles.

Em um texto sobre o anonimato e a etnografia, Fonseca (2007) discute a tarefa do antropólogo, que de acordo com a mesma, é de colocar valor em discursos que podem vir a chacoalhar as narrativas hegemônicas, criando assim, espaços para diálogos. Podendo o etnógrafo, perceber quais jogos de poder estão envolvidos na relação entre pesquisador e pesquisado.

Como não é possível ao etnógrafo definir e prever com antecedência todos os seus interesses de pesquisa, a autora aponta que o processo de construção do objeto passa pela constituição de algumas perguntas e hipóteses norteadoras que poderão ser reavaliadas

conforme se dá a inserção no campo. No mesmo texto, Fonseca aponta que seu interesse de pesquisa são as práticas cotidianas das pessoas e o que escapa/não escapa aos discursos oficiais e documentos públicos. A etnografia da prática descreve uma lógica da prática que se encontra cansada da visão jurídica da vida social. (FONSECA, 2007). O texto etnográfico é fabricado na possibilidade de encontro com o outro, respeitando a maneira como as diferenças se entrecruzam no diálogo que se constitui no campo. Fonseca afirma que o objetivo da etnografia é desfazer a oposição entre eu e o outro. A possibilidade de encontro com o outro, que aproxima assim, a etnografia da cartografia. Assim, seguimos explorando as possibilidades que a perspectiva cartográfica apresenta ao pesquisador em Psicologia Social.

Cartografia: seria o cartógrafo um aventureiro?

O pequeno T. S. Spivetⁱ tinha pavor em arrumar sua mala, pois para isso era preciso destacar itens essenciais para a viagem; o trabalho do pesquisador perpassa também por certo pavor em selecionar os itens que são necessários para sua pesquisa. O que levar para a viagem? Como planejar a pesquisa sem um itinerário fixo? Um caminho que rigorosamente deve-se construir no processo. Dar vazão ao corpo sensível, conseguir suportar e acolher o outro enquanto cartógrafo também. Desafios que uma viagem como a cartografia nos coloca. É preciso selecionar itens que não cabem em uma mala e que passam pelo próprio corpo do cartógrafo, são seus afetos, seus sentidos, uma boa dose de leituras e conversas com outros autores, e uma infundável abertura para o mundo. Abertura para, assim como o pequeno viajante T.S. Spivet, poder se deixar ficar: melancólico quando as coisas não acontecem do modo como planejamos, felizes com os encontros ou mesmo surpreso. Cartografar é escolher viajar sabendo que mudanças ocorrerão, imprevistos surgirão, e a pesquisa assim continuará. Sem o outro não há como cartografar...

Como a viagem de T.S. Spivet em busca de seu prêmio, a cartografia é uma viagem com método de planejamento bastante sensível, meticuloso, pois ao contrário de outras propostas metodológicas, aqui o olhar está na ideia de composição no plano das forças e dos afetos. (KASTRUP; PASSOS, 2014). Nosso companheiro nesta viagem descobriu ao longo da viagem que a busca era por outras coisas, o objetivo foi apresentando-se mais claro de acordo com o decorrer do processo. Nunca há indiferença quanto ao tema escolhido e os sujeitos de pesquisa, trabalhamos a partir de uma intencionalidade. (KASTRUP; PASSOS, 2014). Composições que vão para além da ideia de compor apenas com outros corpos, mas com outras teorias, conceitos, entre políticas, entre sujeitos.

A cartografia intenciona mostrar o que é visível somente ao campo do sensível. (BERTUSSI *et. al*, 2011). Como afirmam os autores, a processualidade da produção dos encontros interessa muito mais do que o produto final. Há uma aposta no acolhimento dos fatos do cotidiano, com o objetivo de inventar formas de compreensão e de dar visibilidade para as produções de vidas e de mundos que tenham a ver com o problema de pesquisa.

O desejo é o de cartografar, explorar a geografia dos afetos, como afirmam Bertussi *et al.* (2011), possibilitando a expressão das intensidades. Sobre estas, Rolnik (2007) sublinha que "o que há em cima, embaixo e por todos os lados são intensidades buscando expressões" (p.12). Para pensar um tema como a constituição de práticas de cuidado não há como se posicionar enquanto ser interpretante, mas sim enquanto pesquisador que experimenta. "Os conceitos são como cores, sons e imagens, são intensidades que convêm ou não, que passam ou não passam, sem nada a declarar ou compreender" (DELEUZE; PARNET, 1998, p.12). Para o cuidado ser entendido enquanto micropolíticaⁱⁱ dos encontros é preciso construir a análise micropolítica do cotidiano. Assim, a cartografia torna-se possibilidade na construção do processo de investigação, um processo que visa acompanhar linhas, intensidades que se atualizam, vivenciar linhas de fuga, marcando pontos de ruptura, produção de mapas em campos de força (BERTUSSI *et. al*, 2011).

Kastrup e Passos (2014) afirmam que "cartografamos com afetos, abrindo nossa atenção e nossa sensibilidade a diversos e imprevisíveis atravessamentos" (p.277). Assim como o pequeno T. S. Spivet que em sua viagem experimentou diferentes afetos frente ao que foi constituindo sua viagem, tendo que lidar com imprevistos, pistas, remontagens de planos e outras composições que lhe escapavam ao controle; na pesquisa o processo de abertura precisa ser para além das possibilidades de encontros. De uma viagem planejada a mudanças bruscas, T. S. Spivet passou por um ferimento que o fez querer voltar para casa, por novas parcerias de viagem, um trajeto que se modificou ao longo da viagem, entendeu os reais motivos que motivaram sua viagem, ressignificando seus objetivos. E assim, de uma maneira um tanto próxima, um processo de pesquisa toma corpo.

Bertussi *et. al.* (2011) afirmam que "investigar o cotidiano é colocar em análise uma realidade em construção, móvel, sem começo, meio ou fim" (p.313). O cotidiano situado enquanto espaço de disputas, de luta e de exercício das relações de poder. Aproximando com as discussões feitas por Claudia Fonseca, em seus textos como "Quando cada caso não é um caso" ou no livro "Família, fofoca e honra", ela vai dizer que se eu interesse está em uma etnografia das práticas, para além do prescrito pelos aparatos legais. Bertussi *et. al.* (2011) apontam a cartografia como um processo de acompanhamento de movimentos em curso, mais do que um traçado de percursos descritivos (p.318). A cartografia pode se oferecer como trilha para acessar o que pode forçar o pensar. "Visa acompanhar um

processo, deter-se em acontecimentos que se tornam visíveis, ponderá-los, ir além, atrás de novos encontros, pensar sobre eles, sentir suas afecções. Investigar um processo de produção, e não uma representação de objeto” (BERTUSSI *et. al.*, 2011, p.317).

Para o cartógrafo o que lhe interessa é saber o quanto a vida está encontrando canais de efetuação, buscando sustentar a vida em seus movimentos de expansão. (CZERMAK; MARQUES, 2008). Para Pozzana (2014) cartografar é conectar afetos que tem potencial para surpreender. A autora aponta que em sua formação, o cartógrafo precisa aprender a ativar o seu potencial de ser afetado, educar os ouvidos, os olhos, o nariz "para que habitem durações não convencionais, para além de sua função sensível trivial" (p.42). A formação do cartógrafo se faz necessária para além do aporte teórico, mas uma formação do corpo, no plano dos afetos, promovendo aberturas ao inesperado, ao por vir. O corpo "está presente na prática da cartografia e é com ele que processos são acompanhados e sofrimentos são compartilhados" (p.56).

Para se colocar em processo de cartografar, é preciso de dispositivos, ferramentas inventadas/construídas/tomadas emprestadas para fazer funcionar o que se propõe. No projeto referido, dois deles serão utilizados: a observação e a escrita... Mas afinal, qual foi a decisão?

Resultados: as proximidades e a necessidade de escolha

A escrita do projeto de pesquisa “Acolhimento Institucional de crianças e adolescentes: possibilidades de constituição de práticas de cuidado” foi bastante influenciada por uma disciplina que a primeira autora cursou no PPG Saúde Coletiva da UFRGS com o professor Émerson Mehry: "Vivenciando o devir-cartógrafo e as pesquisas em micropolítica e cuidado". Uma experiência que desafiou a pensar e (des)pensar o projeto. Como pesquisar sobre o cuidado com crianças e adolescentes? Que método daria conta deste processo? Não produzindo respostas, mas tentando reafirmar a necessidade de reposicionar a discussão quanto as escolhas metodológicas, o professor ofertou a seguinte "saída": "*o encontro é o método, o resto é ferramenta*". "*E o método é uma invenção e o nome dado nem sempre importa*". O importante é o como construímos este processo e o como nos colocamos em relação e se nos permitimos nos afetar e afetar os outros (referência aos que costumeiramente chamamos de sujeitos da pesquisa). Os outros devem ser respeitados como tão pesquisadores quanto o "pesquisador", entendedores e produtores de conhecimento.

Explicitamos o caminho percorrido por que entendemos que o processo das escolhas também importa no processo de pesquisa e de aprendizagem. Assim, parte-se para a pesquisa com uma perspectiva cartográfica fortemente inspirada em elementos da

etnografia. Sabemos que essa é uma discussão pouco realizada em Programas de Pós-Graduação, principalmente na área da Psicologia Social. Seria toda cartografia uma etnografia? Que aproximações são possíveis entre estas perspectivas metodológicas? Quais os critérios embasam nossas escolhas metodológicas e a construção do processo de pesquisa? Questionamentos que passam pela afirmação de uma ética de viver/pesquisar, afirmando o cuidado com a ampliação do campo de possibilidade da pesquisa quanto à produção de outros modos de viver e existir. Neste processo de pesquisa, optamos pela cartografia, respaldada no Émerson Merhy, que discute a cartografia e a micropolítica do cuidado. Cartografar COM abrigo, crianças, adolescentes e trabalhadores passa a ser um desafio ético e para qual faz-se necessário a construção de ferramentas, como a observação.

Considerações finais: a observação como um ato... de criação

A observação se dá na perspectiva da implicação. Como um cartógrafo vai sendo afetado pelas intensidades? Como afeta os outros, produzindo intensidades? Um estar junto, em uma composição e decomposição de ritmos, linhas e velocidades. (BERTUSSI *et. al.*, 2011). Pensando na micropolítica não enquanto tamanho, mas no campo das intensidades, como o cartógrafo pode dar linguagem a essas intensidades que são produzidas? “O ver, mesmo não estando colado ao falar, também segue determinadas regras, vemos o que é possível ver” (HILLESHEIM, BERNARDES, MEDEIROS, 2009, p.215). As autoras afirmam que é no exercício do entre (ver/falar) que podemos encontrar objeto e pesquisador.

A observação não pode ser entendida enquanto um exercício neutro, “é um ato, um ato de criação do próprio sujeito que olha” (HILLESHEIM, BERNARDES, MEDEIROS, 2009, p. 2016). A onda que Palomar pretende observar escapa à representação, como afirmam as autoras a partir de um texto de Ítalo Calvino. A onda não se deixa capturar, se mistura as outras, não há como isolá-la, “engolfa Palomar em um emaranhado de sensações e percepções” (HILLESHEIM, BERNARDES, MEDEIROS, 2009, p. 219). Não há separação entre sujeito-objeto, nem a possibilidade de captura de uma suposta realidade existente a priori:

Essa permanência no limite da representação mantém a ilusão de que o território é sempre permanente, ignorando o cruzamento de fronteiras e a possibilidade de criação. Porém quando Palomar é tomado pela multiplicidade das ondas, essas o interrogam de outro modo, desterritorializando-o: já não é mais o mesmo Palomar que ali se encontra. (HILLESHEIM, BERNARDES, MEDEIROS, 2009, p. 219).

Palomar (o personagem escolhido pelas autoras) não consegue seu intento e desiste. Mas como proceder na pesquisa? Não está em jogo definir qual seria a melhor

forma de cuidar na Assistência Social, ou uma forma verdadeira de cuidado, mas sim conseguir exercitar o acompanhamento de um processo que acontece no encontro, no cotidiano, na relação entre corpos, nem sempre humanos (o abrigo, as legislações, a justiça, os educadores, etc.). O trabalho seria no sentido de “compreender o que está acontecendo, engendrar o conhecimento no próprio percurso da pesquisa e não fazendo a leitura de algo que já é conhecido e que se reapresenta, devendo, portanto, ser reconhecido” (HILLESHEIM, BERNARDES, MEDEIROS, 2009, p. 222). Para Ferreira e Franco (2009) pesquisar poderia ser pensado como surfar em uma onda, em que ao mesmo tempo o sujeito pesquisador conduz a pesquisa, e é conduzido pela mesma, para caminhos às vezes desconhecidos *a priori*, fazendo desvios não programados, deparando-se com o inesperado, operando como em uma dobra, no sentido deleuziano, que nos remete ao convívio com aspectos diferentes e contraditórios de um mesmo objeto. Assim, afirmam que o fundamental é que o pesquisador se coloque aberto, disponível ao novo que se apresenta, possibilitando abertura a invenção.

A cartografia e etnografia surgem como possibilidades metodológicas que se aproximam e me permitem a construção de uma perspectiva ética em um pesquisar COM crianças adolescentes e trabalhadores em serviço de Acolhimento Institucional. A necessidade de se nomear um percurso metodológico deve ser acompanhada da discussão da implicação do pesquisador, pois assim as escolhas tornam-se coerentes com o problema de pesquisa escolhido.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, A. L. *et al.* O pesquisador IN-MUNDO e o processo de produção de outras formas de investigação em saúde. In: CERQUEIRA, M. P. G.; MERHY, E. E. (Org.). *Pesquisadores IN-MUNDO: um estudo da produção do acesso e barreira em saúde mental*. Porto Alegre: Rede UNIDA; 2014. p.155-170.

BARROS, L. M. R. de; BARROS, M. E. B. de. O problema da análise em pesquisa cartográfica. In: PASSOS, E. *et al.* (Org.). *Pistas do Método da Cartografia - a experiência da pesquisa e o plano comum - vol.2*. Porto Alegre: Sulina, 2014. p. 175-202.

BERNARDES, A.G. Potências no campo da saúde: o cuidado como experiência, ética, política e estética. *Barbarói*, n. 36, p.175-190, 2012.

BERTUSSI, D.; BADUY, R. S.; FEUERWERKER, L. C. M.; MERHY, E. E. Viagem cartográfica: pelos trilhos e desvios. In MATTOS, R. A.; BAPTISTA, T. W. F. *Caminhos para análise das políticas de saúde*, 2011. p. 306-324. Disponível em: <www.ims.uerj.br/ccaps>.

BRASIL. Presidência da República. Lei 8.069. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, 13 julho de 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm>. Acesso em: 20 mar. 2012.

_____. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente. *Orientações Técnicas: Serviços de Acolhimento para Crianças e Adolescentes*. Brasília: MDS, 2009.

COMTE-SPONVILLE, A. A correspondência. *Catálogo oficial da exposição "Plis d'excellence"*, Museu do Correio, Paris, 1994.

CRUZ, L. R. *(Des)articulando as políticas Públicas no campo da infância: implicações da abrigagem*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 250 p. 2006.

CZERMAK, R.; MARQUES, C. de C. e; O olhar da psicologia no abrigo: uma cartografia. *Psicologia & Sociedade*, v.20, p. 360-366, 2008.

DELEUZE, G.; PARNET, C. *Diálogos*. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

_____, G. *Espinosa: Filosofia Prática*. São Paulo: Editora Escuta, 2002, 144p.

_____, G. *Cursos sobre Spinoza (Vincennes, 1978-1981)*. Fortaleza: EdUECE, 2009, 292p.

FERREIRA, V. S. C.; FRANCO, T. B. Sobre o uso de instrumentos cartográficos na Pesquisa em Saúde Coletiva. In: FRANCO, T. B. *et al.* (Org.). *A produção Subjetiva do Cuidado: cartografias da Estratégia Saúde da Família*. São Paulo: HUCITEC, 2009. p. 45-60.

FONSECA, C. O anonimato e o texto antropológico: Dilemas éticos e políticos da etnografia 'em casa'. In: *Ética e pesquisa etnográfica*, mesa durante o Seminário do NACI (Núcleo de Antropologia e Cidadania da UFRGS), 2007, Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

_____, C. *Família, fofoca e honra: etnografia das relações de gênero e violência em grupos populares*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2000. 245 p.

_____, C. Quando cada caso NÃO é um caso: pesquisa etnográfica e educação. *Revista Brasileira de Educação*, v. 10, p. 58-78, 1999.

FRANCO, T. B.; MEHRY, E. E. Cartografias do Trabalho e Cuidado em Saúde. *Revista Tempus Actas de Saúde Coletiva*, v.6, n.2, p. 151-163, 2012.

HILLESHEIM, B.; CRUZ, L. R. da; SOMAVILLA, V. E. da C. Encontro, intervenção, acontecimento: pesquisa e produção do novo. In: BONAMIGO, I. S.; TONDIN, C. F.; BRUXEL, K. (Org.). *As práticas da psicologia social com(o) movimentos de resistência e criação*. Porto Alegre: Abrapso Sul, 2008, p. 55-63.

HILLESHEIM, B.; BERNARDES, A. G.; MEDEIROS, P. F. de. Leitura de uma Onda: pesquisa e observação. *Educação & Realidade*, v.34, n.3, p. 213-224, 2009.

LOURAU, R. *Analista em tempo integral*. ALTOÉ, S. (Org.). São Paulo: Hucitec, 2004.

KASTRUP, V.; PASSOS, E. Cartografar é traçar um plano comum. In: PASSOS, E. *et al.* (Org.). *Pistas do Método da Cartografia- a experiência da pesquisa e o plano comum- Vol.2*. Porto Alegre: Sulina, 2014. p. 15-41.

MEHRY, E. E. *Saúde- a cartografia do trabalho vivo*. São Paulo: Hucitec, 2002.

_____. E. E. O cuidado é um acontecimento, e não um ato. In: *Fórum Nacional de Psicologia e Saúde Pública: Contribuições Técnicas e Políticas para avançar o SUS*. Brasília, 20, 21, 22 de outubro de 2006. Conselho Federal de Psicologia, 2006, p.69-78.

_____. E. E. Saúde e Direitos: tensões de um SUS em disputa, molecularidades. *Saúde e Sociedade*, v.21, n.2, p.267-279, 2012.

MERHY, E. E.; FEUERWECKER, L.; GOMES, M. P. C. Da repetição à diferença: construindo sentidos com o outro no mundo do cuidado. In: Franco, T. B. (Org.). *Semiótica, afecção & cuidado em saúde*. São Paulo: Hucitec, 2010. p. 60-75.

NASCIMENTO, Maria Lívia do; CUNHA, Fabiana Lopes da.; VICENTE, Laila Maria Domith. A desqualificação da família pobre como prática de criminalização da pobreza. *Revista Eletrônica de Psicologia Política*, v. 14, n. 7, p. 18-32, 2008.

PINHEIRO, R. Cuidado em Saúde. In: PEREIRA, I. B.; LIMA, J. C. F. L. (Org.). *Dicionário da educação profissional em saúde*. Rio de Janeiro: EPSJV, 2008, p. 110-114.

POZZANA, L. A formação do cartógrafo é o mundo: corporificação e afetabilidade. In: PASSOS, E. *et al.*(Org.). *Pistas do Método da Cartografia - a experiência da pesquisa e o plano comum - vol.2*. Porto Alegre: Sulina, 2014, p.42-65.

ROLNIK, S. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina; 2007.

ⁱ Personagem do filme “Uma Viagem Extraordinária”. Filme de Jean-Pierre Jeunet, 2014, conta a história de T. S. Spivet. Aos doze anos de idade é um garoto superdotado, apaixonado por cartografia. Quando ele ganha um prêmio científico prestigioso, o garoto decide abandonar sua família em Montana para atravessar sozinho aos Estados Unidos, até chegar a Washington. O único problema é que o júri não sabe que o vencedor ainda é uma criança. Título original: L'Extravagant Voyage du jeune et prodigieux T. S. Spivet.

ⁱⁱ Guattari, no livro “Cartografias do Desejo” (2007), afirma que a análise micropolítica não deve usar um só modo de referência. Se situando no cruzamento entre os diferentes modos de apreensão de uma problemática. A questão micropolítica para o autor, diz respeito ao modo como o nível das diferenças sociais mais amplas (“molar”) se cruza com o que chamou de nível molecular (p.147). Micro e macropolítica estão entrelaçadas, não sendo possível uma análise unilateral. A micropolítica não pode ser entendida como uma escala (de pequeno ou grande), mas enquanto intensidade das relações.